

<http://dx.doi.org/10.26694/pensando.v16i39.6079>

Licenciado sob uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>



APONTAMENTOS SOBRE A METÁFORA EM PAUL RICŒUR

Notes on metaphor in Paul Ricoeur

Jaqueline Stefani

UCS

Carina Maria Melchiors Niederauer

UCS

Resumo: *A metáfora viva* de Paul Ricoeur examina a metáfora sob diferentes perspectivas: retórica aristotélica, análise semiótica no nível da palavra, semântica no nível da frase, e hermenêutica no nível do discurso. Ricoeur legitima cada abordagem dentro de seus próprios limites, formando um encadeamento sistemático da palavra ao discurso. Ele argumenta que uma análise semiótica ignora o contexto, enquanto a semântica não diferencia entre alegoria e metáfora restando à hermenêutica oferecer uma referência mais abrangente. Metáfora viva é aquela que mantém seu poder inovador operando por meio de uma transgressão da linguagem cotidiana e científica, preservando o poder criador e heurístico da linguagem. Metáforas vivas possibilitam uma experiência simbólica da linguagem em sua dimensão mais profunda.

Palavras-chave: Paul Ricoeur; Metáfora; Inovação semântica; Ficção; Hermenêutica

Abstract: Paul Ricoeur's "The Rule of Metaphor" examines metaphor from different perspectives: Aristotelian rhetoric, semiotic analysis at the word level, semantics at the sentence level, and hermeneutics at the discourse level. Ricoeur legitimizes each approach within its own limits, forming a systematic chain from word to discourse. He argues that semiotic analysis ignores context, while semantics does not distinguish between allegory and metaphor, leaving hermeneutics to offer a more comprehensive reference. A living metaphor is one that maintains its innovative power by transgressing everyday and scientific language, preserving the creative and heuristic power of language. Living metaphors enable a symbolic experience of language in its deepest dimension.

Keywords: Paul Ricoeur; Metaphor; Semantic innovation; Fiction; Hermeneutics

Introdução

Objetiva-se, aqui, compreender em que sentido a instância metafórica, segundo Ricoeur, pode ser tomada como um acontecimento heurístico, capaz de produzir inovação semântica ao eclipsar a referência cotidiana (referência de primeira ordem) e abrir para outras significações possíveis (referência de segunda ordem), para além de um mero recurso ornamental.

Em um primeiro momento, são apresentadas considerações introdutórias sobre a concepção ricœuriana da metáfora. Posteriormente, faz-se uma análise da herança sofrida e do “parricídio” efetuado por Ricoeur com relação à concepção clássica da metáfora e à concepção semântica contemporânea. Para tanto, são retomados os pontos principais da análise da metáfora pela retórica clássica e pela tradição de língua inglesa, analisando os pontos positivos e negativos de ambas as abordagens pelas lentes de Ricoeur. Por fim, pretende-se realçar a perspectiva ricœuriana ao elencar os seguintes aspectos como característicos de uma metáfora viva: i) a geração de uma inovação semântica; ii) operada por uma “torção” metafórica; iii) que requer a suspensão de um sentido de primeira ordem para a liberação de um sentido de segunda ordem; iv) que possibilita um “ver como”, unindo imagem e sentido, teor e veículo, identidade e diferença; v) resultando em um acontecimento de significado, acontecimento mobilizado por uma metáfora viva para possibilitar o acesso a um novo mundo, projetado sempre e a cada vez graças à delicadeza heurística da poesia.

Ricoeur, ao integrar o excedente de sentido que a metáfora produz ao campo da semântica, por meio do reconhecimento de que a relação entre sentido literal e figurado constitui a própria significação da metáfora, tomará a metáfora como o critério decisivo para avaliar o valor cognitivo das obras literárias. Desse modo, a metáfora não se dá em uma substituição de palavras, mas sim em uma tensão entre duas interpretações possíveis de um enunciado. Na metáfora viva, a tensão gerada entre o literal e o figurado gera uma verdadeira criação de sentido. É nesse ponto que a metáfora se apresenta como uma inovação semântica: ela resolve a discordância presente na frase pela abertura de novos horizontes de significação. Metáforas autênticas não podem ser simplesmente traduzidas, porque não reproduzem sentidos preexistentes, mas os criam. Por isso, a metáfora não deve ser entendida como mero ornamento do discurso, mas como portadora de um valor epistêmico, capaz de transmitir conhecimento novo: “uma metáfora diz-nos algo de novo acerca da realidade”.

1 Contextualização preambular

Publicado originalmente em 1975, *A metáfora viva* é uma das obras mais influentes do filósofo francês. Este livro é dedicado à análise da metáfora, não apenas como uma figura de linguagem, mas como um aspecto da linguagem que desafia as fronteiras da semântica, da retórica, da filosofia da linguagem e da hermenêutica.

Ricoeur argumenta que a metáfora possui um papel central na criação do sentido e na expansão do horizonte do entendimento humano. Tal conclusão é obtida por uma crítica à análise da metáfora na tradição retórica e na tradição semântica examinando a evolução histórica do conceito de metáfora desde Aristóteles até a linguística contemporânea. Ele aponta os problemas e inconsistências das abordagens tradicionais que veem a metáfora como um simples ornamento linguístico ou como uma substituição lexical. Assim, em Aristóteles, a metáfora é tomada como um deslocamento de palavras em sua função ornamental ao passo que, na análise semântica, a metáfora é concebida no âmbito da frase. Ambas as concepções parecem insuficientes.

Uma investigação que se restrinja ao registro semiótico desconsidera o contexto em que tais palavras estão inseridas, o que significa a impossibilidade da própria existência da metáfora, dada a necessidade da existência de palavras não metafóricas no contexto para a percepção contrastante da própria metáfora aí inserida, análise que compete à semântica.

Enquanto a semântica aborda a frase, a hermenêutica trabalha com o texto, de modo que a relação com a referência será diferente em ambas as esferas, especialmente no que tange ao texto literário. No nível semântico, a referência fica restrita à frase ao passo que, no nível hermenêutico, a referência abrange a entidade do discurso.

A análise pragmática, por sua vez, não parece a mais adequada para tratar da metáfora, tendo em vista que aquilo que Ricoeur considera como metáfora viva é precisamente a metáfora que ainda não se encontra nos dicionários e não se tornou uso corrente no cotidiano na linguagem; por isso “viva”, porque é um fenômeno de inovação semântica emergido de uma imaginação criadora que, ao recriar a linguagem, tem o poder de recriar a realidade. Ao tornar-se uso comum e corriqueiro, a metáfora é tomada em seu sentido literal, não tendo mais o poder de despertar imaginações, compreensões e sentimentos novos.

A linguagem simbólica estimula a imaginação. Como afirma Iser, a literatura ativa possibilidades de construção de sentido cuja estética depende dessa construção. Isso significa que o sentido não existe sem a presença ativa do leitor.¹ Assim, a propriedade dos textos literários reside na possibilidade de gerar algo além do que está explicitamente presente neles.

O símbolo expressa a situação fundamental de uma experiência de acontecimento e de sentido, como bem coloca Japiassú, em introdução à *Interpretação e Ideologia*.² A instância frasal é a responsável por sediar a dialética entre acontecimento e sentido. O discurso como acontecimento é temporário e efêmero, enquanto como significação, ele é duradouro. O discurso escrito supera o falado porque permite que qualquer pessoa que saiba ler possa ampliar seu entendimento do mundo. Além disso, quando uma obra se desvincula de seu autor, ela democratiza o conhecimento, ultrapassando a época em que foi criada. Sendo assim, a análise da metáfora ricœuriana aparece em *Interpretação e ideologia* como algo que consiste na abertura à redescritção de uma realidade, o que requer que se leve em conta os diferentes tipos de discursos. A passagem do registro semântico ao registro hermenêutico faz emergir a referência em detrimento da forma da metáfora e do seu sentido.

Em um contexto de fala, a referência se mostra ostensivamente na própria realidade compartilhada por locutor e interlocutor. Contudo, quando a oralidade se transforma em discurso escrito, há uma alteração drástica da referência, ao menos de uma referência usual, comum, compartilhada. Por isso, a literatura pode minimizar o âmbito da realidade comum para abrir a significação para outros mundos possíveis.

A grande questão ricœuriana orbitará, então, ao redor da significação, significação que permanece no tempo. A compreensão do significado é o que fica retido, ligado à noção de mundo do texto. No âmbito da oralidade, o discurso é guiado pela realidade compartilhada entre os participantes de um determinado espaço, situado em um determinado tempo. Tal realidade compartilhada é a referência do discurso. No mundo do texto a realidade referencial perde a importância que possui no contexto de fala, dado que autor e leitor não compartilham dessa situação comum. Como afirma Azeredo, desvendar a fronteira da linguagem poética e sua relação com a realidade é essencial para criar um discurso poético autônomo.³ A poesia utiliza o processo metafórico para desenvolver táticas de produção e recepção de textos.

¹ ISER, W. *O ato da leitura Vol. 1*. São Paulo: 34, 1996.

² JAPIASSÚ, H. Apresentação à obra *Interpretação e ideologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

³ AZEREDO, J. L. *Pensamento e poesia como formar significantes da vida: uma interlocução entre Heidegger e Ricoeur*. Kínesis, v. 11, n° 27, pp.50-59, 2019.

Entre leitor e texto a referência não pode mais ser ostensiva, como ocorre em situação de fala. As obras de ficção falam sobre um mundo, o mundo da obra que, livre da intenção mental de seu autor, pode se libertar da delimitação presente na referência ostensiva da fala.

Para nós, o mundo é o conjunto de referências abertas pelos textos. [...] o significado de um texto não está atrás do texto, mas à frente dele. Não é algo escondido, mas algo que é descoberto-aberto. O que se dá a entender é o que aponta para um mundo possível, por meio das referências não ostensivas do texto. Os textos falam de mundos possíveis e de maneiras possíveis de se orientar nesses mundos.⁴

Isso não significa que o texto poético nada tenha de real, mas que a referência mais imediata, de primeiro nível, pode ser eclipsada, o que possibilita o surgimento de uma referência mais originária e fundamental, uma segunda referência ou referência de segunda ordem. Nos termos de Iser, o objetivo do texto está em incitar seu leitor a ligar-se consigo mesmo, a encontrar a si mesmo.⁵

A hermenêutica de Ricoeur volta seus esforços à questão fundamental da interpretação: a interpretação de si. O poder da narrativa está em propiciar a compreensão de nós próprios em nossa historicidade.⁶ A busca pelo sentido, desse modo, não ocorre nem na tentativa de compreender a intenção do autor nem na análise estrutural do texto: antes, interpretar é compreender a si mesmo por meio do texto. Nesse sentido, Iser⁷ afirma que o texto transforma o leitor, o que faz com que repensemos o próprio papel da literatura na formação humana, na constituição da subjetividade do leitor.⁸

Os livros que lemos ao longo da vida vão nos constituindo, especialmente no que se refere às questões de compreensão mais primordiais da vida humana, questões que se colocam de modo indireto e obscuro e que encontram sua expressão apenas na linguagem metafórica. Nessa experiência estética de compreensão, a obra é um chamado para que adentremos em um mundo novo possível. Esse mundo novo, inicialmente externo, alheio e desconhecido, é capaz de causar certa irritação, por meio de um processo catártico, pois nos arranca de nosso lugar de conforto, confiança, familiaridade e moderação. Todavia, como assinala Flickinger, o incômodo resultante do convite advindo da obra de arte é o responsável por nos lançar a um novo patamar.⁹

A subjetividade do leitor é afetada drasticamente ao entregar-se à experiência da leitura. Algo acontece devido ao texto e faz com que pensemos sobre a própria função da literatura como peça indispensável da construção humana.

⁴ “Pour nous, le monde est l'ensemble des références ouvertes par les textes. [...] la signification d'un texte ne soit pas derrière le texte, mais en avant de lui. Ce n'est pas quelque chose de caché, mais quelque chose qui est découvert-ouvert. Ce qui se donne à comprendre, c'est ce qui pointe vers un monde possible, à la faveur des références non ostensives du texte. Les textes parlent de mondes possibles et de manières possibles de s'orienter dans ces mondes”. RICŒUR, P. “La métaphore et le problème central de l'herméneutique”. *Revue Philosophique de Louvain*, v. 70, pp. 93-112, 1972, p. 89.

⁵ ISER, Wolfgang. *O ato da leitura Vol. 1*. São Paulo: 34, 1996.

⁶ FONSECA, M. J. M. “Introdução à hermenêutica de Paul Ricoeur”. *Milenium: journal of education, Technologies and health*, v. 36, n. 14, pp. 1-27, 2009.

⁷ ISER, Wolfgang. *O ato da leitura Vol. 1*. São Paulo: 34, 1996.

⁸ Cf. Stefani, Jaqueline. *A constituição do sujeito em Paul Ricoeur: uma proposta ética e hermenêutica*. (Dissertação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNIINOS, 2006.

⁹ FLICKINGER, H.-G. “Da experiência da arte à hermenêutica filosófica”. In: *Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. ALMEIDA, C. L. S. de; FLICKINGER, H.-G.; ROHDEN, L. (orgs). Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

A poesia carrega características e valores que são inacessíveis à descrição e que ocorrem exatamente pelo jogo propiciado pela transgressão do significado comum das palavras, operado pela enunciação metafórica. A metáfora é tomada por Ricoeur como inovação semântica, um acontecimento produzido no discurso. O novo advindo da imaginação criadora tem pretensão de verdade graças a uma suspensão do sentido literal e de sua referência ordinária, suspensão que propicia o surgimento de uma nova referência, uma referência de segundo grau. A metáfora abre a possibilidade libertária de redescrição do real:

o fenômeno de inovação semântica pode ser percebido em toda a sua amplitude. Este fenômeno constitui o problema mais fundamental que a metáfora e a narração têm em comum no nível do sentido. Nos dois casos, o novo – o ainda não dito, o inédito – surge na linguagem: aqui a metáfora viva, ou seja, uma nova pertinência na predicação; lá uma intriga fingida, quer dizer uma nova congruência na organização da intriga.¹⁰

A metáfora e a narrativa possibilitam dizer o não dito, o inédito. A metáfora é a técnica da poesia, é o lugar por excelência do novo “com a poesia, a imaginação se coloca no lugar onde a função do irreal vem seduzir ou inquietar – sempre despertando – o ser adormecido em seus automatismos”.¹¹

É inerente ao humano o dizer, o narrar. Por mais que se perceba que a linguagem não abarque ou não contenha a totalidade da experiência humana, experiência entendida como um acontecimento irrepetível, nessa tentativa de lidarmos com o inefável, a linguagem metafórica aparece como a mais promissora. Isso ocorre porque a metáfora não delimita a significação.

A linguagem poético-literária abre uma infinidade de possibilidades imaginativas. Ricoeur vê a metáfora como uma transgressão da linguagem tanto científica quanto cotidiana; ela estaria em uma terceira instância de linguagem.¹² A mobilização da metáfora preserva a capacidade criativa da linguagem.

A retórica clássica

Um modo de agrupar as ideias de Ricoeur acerca dos postulados elementares que sustentam a abordagem da metáfora pela retórica clássica pode ser feito nos seguintes termos: i) há sentidos próprios que pertencem a certas coisas e há, em contrapartida, a metáfora que, dentre outras figuras de linguagem, atribuiriam sentidos impróprios; ii) ou por uma falta real de palavras ou por escolha do autor, algumas coisas se denominam de modo impróprio; iii) o espaço lexical é ocupado pela transferência de uma expressão estranha; iv) a aplicação dessa expressão acontece ao custo de uma torção entre os sentidos próprio e impróprio; v) se o termo pedido de empréstimo foi deliberadamente escolhido, fala-se de tropo em sentido estrito, se foi utilizado um termo emprestado por uma verdadeira lacuna do vocabulário, fala-se de catacrese; vi) a transposição entre os sentidos próprio e impróprio ocorre em virtude da característica de semelhança; vii) do uso metafórico não resulta conhecimento novo e viii) assim sendo, à metáfora resta apenas uma atribuição ornamental.

¹⁰ RICŒUR, P. *Du texte à l'action – essais d'herméneutique II*. France: Éditions du seuil, 1986, p. 24.

¹¹ BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Abril, 1974, p. 353.

¹² RICŒUR, P. *A metáfora viva*. 2ª. Edição. Porto: Rés, 2005.

Para Ricoeur, o declínio da retórica clássica deve-se não somente à redução de seu campo – a amputação da argumentação e da composição do seio da retórica –, mas por uma raiz mais profunda, que os neo-retóricos não perceberam: uma compreensão nova do funcionamento dos tropos. Nesse sentido, a compreensão da metáfora pela retórica clássica coloca na singularidade da palavra sua unidade de referência:

[...] a metáfora, por consequência é classificada entre as figuras do discurso numa só palavra e definida como tropo por semelhança; enquanto figura, consiste num deslocamento e numa extensão do sentido das palavras; a sua explicação dimana de uma teoria da substituição.¹³

O erro clássico, segundo Ricoeur, estaria na supremacia inquestionável da palavra e a consequência é a redução da metáfora a um mero ornamento.

Conforme Ricoeur, deve-se distinguir entre o caráter de figura e o caráter de catacrese dos tropos. A catacrese consiste num uso forçado e necessário do tropo, resultando em um sentido puramente extensivo. É, portanto, no caráter livre do tropo-figura que Ricoeur se detém. A metáfora permanece uma figura na medida em que ela não serve para preencher uma ausência de signos; porém deve-se ainda fazer uma distinção interna no caráter de figura da metáfora: seu uso inventivo, inovador por um lado, e por outro seu uso contínuo que a consolida na base da língua. Ou seja, os tropos usuais estão a meio caminho entre os tropos inventivos e a catacrese.

Faz-se importante seguir o trajeto necessário de análise da instância da palavra à instância discursiva dado que, apenas nesse registro é que se torna possível discriminar adequadamente o lugar da figura e o lugar de catacrese. Segundo Ricoeur, a metáfora se dá no âmbito da palavra. A palavra é a portadora do novo significado emergente, é o foco central que necessita, contudo, da moldura da frase, do contexto.¹⁴ Nesse sentido, ainda que o reduto mínimo sob o qual tomamos a metáfora seja o reduto da palavra, se ela estiver fora de um contexto, resta impossível a torção metafórica, processo pelo qual uma metáfora é capaz de transformar ou torcer uma propriedade ou significado usual de uma palavra ou conceito em algo novo e inesperado. Essa torção metafórica ocorre quando uma metáfora atribui uma nova significação a uma palavra ou expressão, indo além do seu sentido literal ou convencional. Para Ricoeur, essa capacidade das metáforas de torcer ou reconfigurar o significado das palavras é central para a compreensão da linguagem metafórica e da criatividade linguística em geral.

Palavras apenas adquirem significado em frases, pois têm sempre um rol de significados potenciais que só podem se atualizar com referência a um contexto. O contexto tem a função de filtro de significados:

Estamos assim preparados para admitir que, se o efeito de sentido que chamamos de metáfora está contido na palavra, a origem desse efeito de sentido está em uma ação contextual que interage com os campos semânticos de várias palavras.¹⁵

¹³ RICCEUR, P. *A metáfora viva*. 2ª. Edição. Porto: Rés, 2005, p. 7.

¹⁴ RICCEUR, P. “La métaphore et le problème central de l’herméneutique”. *Revue Philosophique de Louvain*, v. 70, pp. 93-112, 1972.

¹⁵ “Nous sommes ainsi préparés à admettre que si l’effet de sens que nous appelons métaphore s’inscrit dans le mot, l’origine de cet effet de sens est dans une action contextuelle qui met en interaction les champs sémantiques de plusieurs mots”. RICCEUR, P. “La métaphore et le problème central de l’herméneutique”. *Revue Philosophique de Louvain*, v. 70, pp. 93-112, 1972, p. 98.

É nesse sentido que a compreensão metafórica não pode se valer de uma busca por significados de uma palavra em um dicionário. Ricoeur qualifica a metáfora como inovação semântica porque ela não se limita a deslocar um termo de seu campo de uso habitual, mas efetivamente produz um novo sentido dentro da linguagem. Essa criação acontece no nível da frase ou enunciação, e não no nível isolado da palavra. A metáfora viva opera uma espécie de choque de interpretações. A leitura literal da frase, que muitas vezes se revela absurda ou inadequada, entra em tensão com a leitura figurada, que emerge como solução criativa para a incongruência inicial. É essa passagem de uma interpretação inaceitável para outra que possibilita a geração de um novo significado. Assim, a metáfora não repete nem ilustra um sentido dado previamente, mas engendra um excesso de significação que não existia antes. Esse caráter criativo explica por que as metáforas genuínas são intraduzíveis: ao contrário das comparações convencionais, elas não remetem a um estoque de sentidos já disponíveis, mas instauram uma nova rede de relações semânticas. Traduzir, nesse caso, seria reduzir ou empobrecer a novidade cognitiva que a metáfora introduz. Essa concepção retira a metáfora do campo do “ornamento retórico” e a coloca no coração do processo de conhecimento. A metáfora tem caráter epistêmico, pois abre novas maneiras de compreender e interpretar a realidade. Ela é, portanto, uma forma de pensamento em ato, que amplia os limites da linguagem e da experiência, permitindo que a literatura e o discurso em geral revelem dimensões inéditas do mundo.

Uma análise semântica: Richards, Max Black e Beardsley

Conforme Ricoeur, a retórica clássica ficou restrita a uma análise semiótica da teoria da substituição, no que tange ao efeito de sentido metafórico. Outra teoria da metáfora, em linhas gerais, pode ser pensada como uma análise semântica da teoria da tensão, que diria respeito à produção da metáfora ao nível da frase como um todo. Na análise semântica da metáfora é que Ricoeur trará as concepções de autores de língua inglesa, Richards, Max Black, Monroe Beardsley, mostrando suas diferenças, suas semelhanças e, principalmente, apontando para o que ainda ficou em suspenso: a criação de sentido produzida pela metáfora de invenção.

Se o signo é a unidade semiótica, a frase é a unidade semântica. O projeto de Richards, conforme Ricoeur, ataca a distinção da retórica clássica entre sentido próprio e sentido figurado, dado que o sentido próprio é algo inexistente no âmbito da palavra. Por isso, é sempre necessária uma análise do discurso para compreender o sentido. Uma palavra isolada não tem significação própria nem possui um sentido em si mesma. Isso porque o discurso representa o contexto da palavra. Desse modo, as palavras não são os nomes das ideias presentes no espírito. Nesse sentido, a crítica de Richards abre caminho para se pensar a metáfora de modo mais coerente:

A prática dos bons autores tende a fixar as palavras em valor de uso. Esta fixação pelo uso é, sem dúvida, a origem da falsa crença segundo a qual as palavras têm um sentido, possuem o seu sentido. Do mesmo modo a teoria do uso não reverteu, mas finalmente consolidou o preconceito da significação própria das palavras. Mas o emprego literário das palavras consiste precisamente em restituir, indo de encontro ao uso que as congela, ‘o jogo das possibilidades interpretativas contidas no todo da

enunciação'. É por isso que o sentido das palavras deve ser de cada vez 'adivinhado' sem que jamais se possa fundá-lo numa estabilidade adquirida.¹⁶

A metáfora contém a imagem presente de duas coisas, concomitantemente, no cerne de uma palavra ou expressão: a significação advém da troca entre os pensamentos que acompanham as palavras ou expressões em uma espécie de comércio, de transação entre contextos. A metáfora, então, resulta do todo constituído pelas duas metades. Este vocabulário é forjado por Richards para que sua distinção fique isenta de qualquer alusão a um sentido próprio. A metáfora então, comporta simultaneamente teor e veículo em interação. O domínio da metáfora é o domínio do mundo que criamos e a transferência metafórica não se reduz, portanto, a um jogo entre palavras.

Max Black, segundo Ricoeur, considera a metáfora dependente do contexto pois, ainda que a atenção se dirija a uma palavra específica (designada por Black de *foco*), é o conjunto do enunciado (designado por Black de *quadro*) que permite a distinção, o contraste entre palavra metafórica e não metafórica. A metáfora possibilita, através do contraste entre enunciado e palavra, um *insight*, compreendendo um movimento do intelecto que, mais que qualquer paráfrase, esclarece e informa.

Tanto em Richards quanto em Black e em Beardsley, o ponto de partida é o mesmo: a metáfora é um caso de atribuição. Porém, Beardsley desenvolve a característica heurística da metáfora por meio da noção de *absurdo lógico*, capaz de liberar uma espécie de significação segunda do enunciado metafórico.

Como bem sintetiza Cunha, Ricoeur percebe a importância das teorias precedentes, mas percebe igualmente a necessidade de um desenvolvimento que vise a complementar tais teorias, abordando elementos por elas esquecidos.¹⁷ Da abordagem da metáfora feita por Richards, Ricoeur realça a ausência de uma análise do problema da referência na linguagem metafórica. No que tange à Black, Ricoeur assinala a dificuldade da abordagem no tocante à inovação semântica. A concepção de Beardsley, por sua vez, dá conta da característica inventiva e heurística da metáfora, mas não obtém êxito na explicação das significações de segunda ordem produzidas pela expressão metafórica.

É interessante, seguindo essa linha de raciocínio, analisar o contexto daquilo que Ricoeur chama metáfora viva: a instância do discurso. É no discurso que tal metáfora, em toda a sua autenticidade, encontra lugar. Não há metáfora no dicionário, realça Ricoeur, mas apenas em um acontecimento significativo na instância discursiva. O aspecto fundamental da metafórica está na criação de um circuito de relações que torna esse contexto específico e singular. Desse modo, pode-se falar da metáfora como sendo um acontecimento semântico surgido da convergência de diversos campos semânticos. No instante em que a soma das palavras juntas adquire significação, a torção metafórica ocorre, ao mesmo tempo, como um acontecimento e como uma significação, uma significação emergente criada pela linguagem.

As palavras contêm significações possíveis, potenciais, que só se realizam, se atualizam num contexto; porém há uma identidade da palavra, ainda que 'plural'. A polissemia é a soma desses valores contextuais. O discurso resulta de um jogo recíproco entre a frase e a palavra: "[...] é a polissemia, fato descritivo por excelência, que torna possível as mudanças de sentido e, na polissemia, o fenômeno de cumulação de sentido.

¹⁶ RICCEUR, P. *A metáfora viva*. 2ª. Edição. Porto: Rés, 2005, p. 126.

¹⁷ CUNHA, W. M. da. "O problema da imaginação semântica em A metáfora viva de Paul Ricoeur". *Sapere Aude*, v. 13, n. 25, pp. 188-210, 2022.

A polissemia atesta o caráter aberto da textura da palavra: uma palavra é isto que tem vários sentidos e que ainda pode adquirir novos”.¹⁸

O sentido metafórico é um valor criado pelo contexto e que depende de certa semelhança. A semelhança (traço identitário) presente na metáfora é um tipo de aproximação semântica entre os termos à despeito de sua distância (diferença). Assim, a metáfora carrega, paradoxalmente, a identidade na diferença. Tal é o elemento surpreendente produzido por ela: um acontecimento que mistura a diferença e a identidade produzindo um instante semântico do enunciado metafórico:

A referência metafórica funciona de modo diverso na linguagem poética, é voltada para si mesma. Na linguagem descritiva a função referencial é voltada para o mundo dos objetos, da utilidade, ao contrário na referência dividida, a que ele chamou de primordial, o importante é a ambiguidade com que se mantém os dois direcionamentos da linguagem, para si e para fora de si.¹⁹

A interpretação dirige-se ao texto. Em *Do texto à ação*, há o desenvolvimento dessa questão que é primordial em Ricoeur: a autonomia do texto. Por texto, Ricoeur compreende a produção do discurso como obra, que é incluído em um gênero, com determinado estilo etc. A obra não designa apenas a junção de frases; designa, antes, uma totalidade irredutível e singular. A escrita imobiliza a palavra, preservando-a.

Diferentemente do discurso falado, que é ancorado na pessoa que o profere, o discurso escrito ganha autonomia em relação ao autor. A interpretação do significado do texto não deriva das intenções do autor, mas é construído pelo leitor. Desse modo, há uma emancipação do discurso quando ele é escrito, pois a referência não é mais a realidade simultânea (temporal e espacial), como ocorre na situação de fala. Nas palavras de Ricoeur (1988, p. 361), há uma autonomia tripla no texto: “relativamente à intenção do autor; relativamente à situação cultural e a todos os condicionamentos sociológicos da produção do texto; relativamente, enfim, ao destinatário primitivo”.²⁰ A escrita altera a referência, pois autor e leitor não compartilham uma situação comum. Por isso, afirma Ricoeur que, no mundo da obra, se pode abolir toda referência à realidade dada.

A obra literária, por sua vez, manifesta sua referência mais fundamental, referência de segunda ordem, graças à suspensão da referência de primeira ordem. Pode-se perceber, claramente, a suspensão da referência literal com a metáfora em que uma referência é suspensão e outra referência se manifesta: o sentido metafórico surge da morte do sentido literal. Assim, caberá à interpretação buscar compreender o sentido que fora libertado da referência descritiva.

No contexto da função poética, a metáfora é uma estratégia do discurso que permite à linguagem abandonar sua função de descrição direta e alcançar um nível mítico, libertando sua capacidade heurística.

¹⁸ RICŒUR, P. *A metáfora viva*. 2ª. Edição. Porto: Rés, 2005, p. 182.

¹⁹ SANFELICE, V. O. *Metáfora e imaginação poética em Paul Ricoeur*. (Dissertação). Programa de Pós-graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria, 93p., 2014, p. 56.

²⁰ Nas palavras de Manguel (1997, p. 207), “a relação primordial entre escritor e leitor apresenta um paradoxo maravilhoso: ao criar o papel do leitor, o escritor decreta também a morte do escritor, pois, para que um texto fique pronto, o escritor deve se retirar, deve deixar de existir. Enquanto o escritor está presente, o texto continua incompleto. Somente quando o escritor abandona o texto é que este ganha existência. Nesse ponto, a existência do texto é silenciosa, silenciosa até o momento em que um leitor o lê. Somente quando olhos capazes fazem contato com as marcas na tabuleta é que o texto ganha vida ativa”.

A abordagem feita por Ricoeur não é uma abordagem ornamental da palavra metafórica; trata-se, antes, de tomar a metáfora no enunciado, no contexto, para ver emergir sua significação de segunda ordem, possibilitada pela morte da referência imediata. É o que pode ser visto, por exemplo, quando se fala da “sonoridade de uma pintura” ou do “tempo como um mendigo”.²¹ A metáfora faz com que o leitor realize uma analogia de modo que o tempo seja “visto como” um mendigo sob alguns aspectos, certamente não em todos. O mesmo ocorre com a pintura, que é “vista como” algo audível. Ricoeur entende a metáfora como uma verdadeira criação de sentido, e não apenas como o deslocamento de uma palavra para outro contexto. Seu valor não se encontra no termo isolado, mas no enunciado completo, onde surge uma tensão entre a interpretação literal e a figurada, que aparece como alternativa inventiva. Dessa tensão nasce algo novo, um significado que não existia antes.

Por esse motivo, metáforas autênticas não podem ser traduzidas sem perda: diferem das comparações convencionais porque não recorrem a sentidos já prontos, mas inauguram novas conexões na linguagem. Assim, deixam de ser vistas como adornos retóricos e passam a ocupar um lugar central no conhecimento. A metáfora abre perspectivas inéditas de compreensão e amplia tanto o alcance da linguagem quanto a nossa visão de mundo.

Esse “ver como”, operado pela torção metafórica, é herança das análises de imagens ambíguas feitas por Wittgenstein, sendo a mais famosa a imagem pato/lebre, em que, ao mesmo tempo, uma imagem pode ser vista tanto como pato quanto como lebre, como bem aponta Hilgert.²² Assim, Ricoeur realçará a transposição, feita já por Hester, entre a imagem wittgensteiniana e a torção operada pela metáfora, e as noções de veículo e teor, de Richards: ao ver a uma figura qualquer (desenho pato/lebre), vê-se, ao mesmo tempo, ora pato ora lebre. A transposição ao campo da metáfora resultaria em algo como: ao ler uma palavra metafórica X, são mobilizadas, ao mesmo tempo, uma significação primária (teor/conteúdo) Y e uma significação secundária (veículo) Z.²³

Desse modo, para o acontecimento metafórico, faz-se necessária a tensão entre uma significação e outra, tensão que faz com que se possa “ver um como o outro”. É esse “ver como” que constitui o elo necessário, a relação intuitiva capaz de reunir sentido e imagem. Trata-se, em última instância, de uma referência duplicada:

Deste modo duvidamos da distinção tida por evidente, entre denotação e conotação. Na medida em que ela se ligava à oposição dos valores cognitivo e emocional do discurso, não poderíamos ver nela mais do que a projeção na poética de um pressuposto positivista em razão do qual só o discurso científico diz a realidade. [...] o discurso poético, dizíamos nós, é aquele no qual a *epoké* da referência ordinária é a condição negativa da manifestação de uma referência de segundo nível. Ao que acrescentávamos: essa manifestação é regulada pelo poder de redescritção ligado a certas ficções heurísticas, à maneira dos modelos da ciência.²⁴

²¹ RICŒUR, P. *A metáfora viva*. 2ª. Edição. Porto: Rés, 2005.

²² HILGERT, M. C. “Reflexões sobre o conceito de metáfora de Paul Ricoeur e a noção de euforia da tradução”. *Ciência & Trópico*, v. 39, n. 1, pp. 53-75, 2016.

²³ RICŒUR, P. *A metáfora viva*. 2ª. Edição. Porto: Rés, 2005.

²⁴ RICŒUR, P. *A metáfora viva*. 2ª. Edição. Porto: Rés, 2005, p. 476.

Assim, há que se abandonar a ideia de que denotação e conotação sejam tomadas como pares de conceitos contraditórios. Isso resulta de uma recusa, por parte de Ricoeur, em distinguir cognição e emoção e, por consequência, incluir no conceito de denotação o conceito de representação.

A metáfora viva não se limita a dar um novo significado a uma palavra polissêmica, como geralmente acontece em seu uso cotidiano. Em vez disso, ela cria um sentido único e transitório, emergindo da situação específica em que é usada. Em essência, a metáfora é uma mudança instantânea e contextual de significado, que é mobilizada para possibilitar o acesso ao novo, um novo mundo que se pode projetar sempre e a cada vez graças a delicadeza heurística da poesia.

Um significado metafórico emerge quando há o contraste entre uma interpretação metafórica e outra que é tomada literalmente. Nessa emergência de significado deve haver um choque, uma colisão semântica entre significados literais em um mesmo contexto. A colisão semântica é capaz de anular, por um breve instante, a literalidade da palavra em questão, oferecendo algum indício na busca de um significado novo, que seja condizente com o contexto da frase. Tal significado emergente é uma inovação, uma criação linguística, uma “metáfora viva”, cuja vida depende do efeito de espanto produzido. A partir do momento em que esse significado metafórico deixa de produzir surpresa, se tornando um uso corriqueiro por grande parte da comunidade linguística, então a metáfora deixa de ser viva e torna-se metáfora morta. A metáfora viva opera uma torção criativa e momentânea da linguagem por meio de uma inovação semântica.

Considerações finais

A *metáfora viva*, de Paul Ricoeur, é composta por oito capítulos nos quais o autor: i) analisa a retórica aristotélica cuja noção de “tropo” é resgatada; ii) apresenta uma análise semiótica da metáfora, no registro da palavra; iii) realiza uma semântica da metáfora, sob o registro frasal e iv) encerra com uma abordagem hermenêutica sob o registro do discurso. Os passos ricœurianos não suprimem uns aos outros, não são superados uns pelos outros; antes, eles são individualmente necessários e conjuntamente suficientes para uma abordagem adequada da metáfora. Tal abordagem, objetiva a legitimação de cada instância em seu encadeamento e segue rumo à expansão da compreensão que parte da palavra, passa pela frase e desemboca no discurso.

O problema da significação ocorre de modo diverso em obras literárias e obras científicas: se nessas o que vale é o valor literal na busca pelo significado, naquelas há um “acréscimo” de sentido. Uma das grandes questões de Ricoeur é conceber um valor cognitivo à metáfora, que surge da tensão entre um sentido explícito e outro implícito. A tradição positivista relegou o sentido implícito ao âmbito emotivo e, portanto, desprovido de valor cognitivo. Ricoeur, ao contrário, irá propor um modelo totalmente semântico para a literatura: a enunciação de um poema está ligada àquilo que é por ele sugerido, ao mesmo tempo em que um primeiro significado está ligado a um segundo significado, concordando, ambos, no campo semântico.²⁵

Assim, a teoria da retórica clássica aristotélica até a teoria retórica de meados do século XIX, segundo Ricoeur, pode ser sistematizada pelos seguintes critérios: a) a metáfora se refere à denominação; b) representa um desvio do sentido literal das palavras; c) opera por semelhança; d) pela semelhança substitui um sentido literal por um que é

²⁵ RICŒUR, P. *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edições 70, 2019, p. 86.

figurado; e) tal substituição não representa uma inovação semântica e f) não fornece informações novas sobre o real, possuindo uma função emotiva e não cognitiva. Black, Beardsley, Turbayne, Wheelwright e principalmente Richards, segundo Ricoeur, são os representantes da nova semântica responsáveis por questionar os critérios da teoria clássica expostos acima.

O poeta, em certo sentido, pode abolir o mundo, a realidade corriqueira e comum; a poesia é livre da visão ordinária do mundo: “a redução dos valores referenciais do discurso comum é a condição negativa que permite novas configurações [...] novos modos de estar-no-mundo, de aí viver e de nele projetar as nossas possibilidades mais íntimas”.²⁶ Assim, quando Camões diz que “O amor é uma chama que arde sem se ver”, a ideia de amor é comparada a uma chama invisível, o amor é “visto como” uma chama, o que provoca uma nova percepção do sentimento amoroso como algo intenso, que arde como o fogo.

A distinção entre metáfora viva e morta é crucial para entender como as metáforas funcionam na linguagem e na comunicação. Metáforas vivas têm o poder de desafiar e expandir nossa percepção, enquanto metáforas mortas fazem parte do vocabulário cotidiano e são frequentemente usadas sem uma consciência ativa de seu caráter metafórico:

Desde nossa finitude que nos concedeu a única e radical possibilidade de pensar com a palavra, podemos nos arrancar de nossa cotidianidade com a linguagem e buscar a autenticidade de um dizer que, a partir do poético, tenta ultrapassar o umbral que nos possibilita pensar e dizer o sentido do ser. Este umbral Ricoeur chama de metáfora viva.²⁷

Uma metáfora viva é sempre um acontecimento do discurso; é uma metáfora cuja função dinâmica e inovadora, se for aceita e incorporada à linguagem cotidiana por uma comunidade, acaba por se tornar uma extensão da polissemia das palavras, uma metáfora trivial que, com o tempo, vira metáfora morta:

Se a metáfora viva é, conforme já constatamos um fluxo expressivo triunfante a partir de uma impertinência semântica (dada entre dois termos estranhados), à procura da *aletheia*, a metáfora morta é uma metamorfose desse fluxo expressivo que, pelo uso, já fixou um conceito, tornando-se uma expressão ordinária.²⁸

Com uma abordagem detalhada e multidisciplinar, Ricoeur revela a profundidade e a complexidade da metáfora como um aspecto linguístico e cognitivo, essencial para a compreensão e a expressão da experiência humana. Metáforas vivas possibilitam uma experiência simbólica da linguagem em sua dimensão mais profunda.

²⁶ RICCEUR, P. *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edições 70, 2019, p. 86.

²⁷ MARTINI, R. M. F. “Paul Ricoeur: metáfora e metafísica”. *Filosofia Unisinos*, v. 15, n. 3, pp. 210-225, 2014, p. 223.

²⁸ BRAGA, H. M. “A metáfora viva de Paul Ricoeur: passagem icônica, o discurso especulativo, a filosofia: supremacia da epifora”. *Último Andar*, v. 18, pp.24-42, 2010, p. 41.

Referências

- AZEREDO, J. L. Pensamento e poesia como formar significantes da vida: uma interlocução entre Heidegger e Ricoeur. *Kínesis*, v. 11, n° 27, pp.50-59, 2019.
- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Abril, 1974.
- BRAGA, H. M. A metáfora viva de Paul Ricoeur: passagem icônica, o discurso especulativo, a filosofia: supremacia da epífora. *Último Andar*, v. 18, pp.24-42, 2010. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/13291>
- Acesso em 08/05/2024.
- CUNHA, W. M. da. O problema da imaginação semântica em *A metáfora viva* de Paul Ricoeur. *Sapere Aude*, v. 13, n. 25, pp. 188-210, 2022.
- FONSECA, M. J. M. Introdução à hermenêutica de Paul Ricoeur. *Milenium: journal of education, Technologies and health*, v. 36, n. 14, pp. 1-27, 2009.
- FLICKINGER, H.-G. Da experiência da arte à hermenêutica filosófica. In: *Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. ALMEIDA, C. L. S. de; FLICKINGER, H.-G.; ROHDEN, L. (orgs). Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- Hilgert, M. C. Reflexões sobre o conceito de metáfora de Paul Ricoeur e a noção de euforia da tradução. *Ciência & Trópico*, v. 39, n. 1, pp. 53-75, 2016. Acesso em: 15/05/2024. Disponível em <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/1540>
- ISER, W. *O ato da leitura Vol. 1*. São Paulo: 34, 1996.
- JAPIASSÚ, H. Apresentação à obra *Interpretação e ideologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARTINI, R. M. F. Paul Ricoeur: metáfora e metafísica. *Filosofia Unisinos*, v. 15, n. 3, pp. 210-225, 2014.
- RICŒUR, P. *A metáfora viva*. 2ª. Edição. Porto: Rés, 2005.
- _____. *Du texte à l'action – essais d'herméneutique II*. France: Éditions du seuil, 1986.
- _____. *Interpretação e Ideologia*. 3a. Edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- _____. La métaphore et le problème central de l'herméneutique. *Revue Philosophique de Louvain*, v. 70, pp. 93-112, 1972.
- _____. *La Métaphore vive*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.
- _____. *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edições 70, 2019.
- SANFELICE, V. O. *Metáfora e imaginação poética em Paul Ricoeur*. (Dissertação). Programa de Pós-graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria, 93p., 2014.
- STEFANI, J. *A constituição do sujeito em Paul Ricoeur: uma proposta ética e hermenêutica*. (Dissertação). Programa de Pós-graduação em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 109p., 2006.

Doutora em Letras (UCS)
Professor do PPG Letras (UCS)
E-mail: carina.nider@gmail.com